

Beth O'Leary

APARTAMENTO  
partilha-se



meu de dia

teu de noite

Eles partilham  
um apartamento  
e uma cama...  
Mas não se  
conhecem.



TOP  
SEL  
LER

*Para o Sam*

Fevereiro

# 1

TIFFY

**S**e o desespero tem alguma vantagem, é deixar-nos com uma mente muito mais aberta.

Vejo realmente algumas coisas positivas neste apartamento. O bolor multicolorido na parede da cozinha sairá se o esfregar bem, pelo menos a curto prazo. O colchão imundo pode ser substituído sem grandes custos. E não há dúvida de que se pode dizer que os cogumelos que crescem atrás da sanita dão um ar fresco e campestre ao espaço.

A Gerty e o Mo, contudo, não estão desesperados, nem a tentar ser positivos. Descreveria as suas expressões como «horrorizadas».

— Não podes viver aqui.

Quem o diz é a Gerty, que está de pé com as suas botas de salto juntas e os cotovelos bem comprimidos contra o corpo, como se ocupar o mínimo espaço possível fosse o seu protesto só pelo facto de estar aqui. Tem o cabelo apanhado num coque baixo com ganchos, para poder facilmente segurar a peruca de advogado que usa em tribunal. A sua expressão seria cómica, se não estivéssemos a discutir a minha própria vida.

— Tem de existir outro sítio para o qual tenhas orçamento, Tiff — diz o Mo, preocupado, aparecendo depois de ter estado a examinar o armário da caldeira. Parece ainda mais desleixado do que é habitual, devido a uma teia de aranha que traz agora pendurada na barba. — Este ainda é pior do que o que vimos ontem à noite.

Olho em redor, em busca do agente imobiliário; por sorte, está suficientemente longe para não nos ouvir, enquanto está a fumar na «varanda» (o telhado descaído da garagem do vizinho, que definitivamente não foi feito para ser pisado).

— Não quero fazer mais uma ronda por estes buracos do inferno — diz a Gerty, lançando um olhar ao relógio. São 8 horas da manhã: ela precisa de estar no Southwark Crown Court às 9. — Tem de haver outra opção.

— *Com certeza* que conseguíamos instalá-la no nosso apartamento, não? — sugere o Mo pela quinta vez desde sábado.

— A sério, Mo, podes parar com isso? — dispara a Gerty. — Isso não é uma solução a longo prazo. E ela teria de dormir em pé para caber onde quer que fosse. — Lança-me um olhar exasperado. — Porque é que não és mais baixa? Conseguíamos pôr-te debaixo da mesa de jantar se medisses menos de um metro e setenta e cinco.

Faço uma expressão apologetica, mas preferiria mesmo ficar aqui do que no chão do minúsculo e caríssimo apartamento em que o Mo e a Gerty investiram juntos no mês passado. Eles nunca tinham morado juntos, nem quando andávamos na universidade. Tenho medo de que isto possa muito bem pôr fim à amizade deles. O Mo é desarrumado e distraído, e tem a capacidade desconcertante de ocupar imenso espaço, apesar de ser relativamente pequeno. A Gerty, por outro lado, passou os últimos três anos a viver num apartamento assombrosamente limpo, tão perfeito que parecia ter sido desenhado por um computador. Não sei bem como os dois estilos de vida se sobreporão sem que a zona oeste de Londres impluda.

O problema principal, porém, é que se é para ficar na casa de outra pessoa, posso simplesmente voltar para o apartamento do Justin. E, desde as onze da noite de quinta-feira, tomei a decisão oficial de que não posso continuar a recorrer a essa opção. Preciso de avançar e preciso de me comprometer com outro sítio, de modo a não poder voltar atrás.

O Mo coça a testa, afundando-se no sofá de pele encardida.

— Tiff, eu podia emprestar-te algum...

— Não quero que me emprestes dinheiro nenhum — digo, num tom mais duro do que pretendia. — Olhem, eu preciso *mesmo* de resolver isto esta semana. É este ou o tal apartamento partilhado.

— *A cama partilhada*, queres tu dizer — resmoneia a Gerty. — Posso perguntar porque tens de decidir *agora*? Não que não esteja encantada. É só que, da última vez que falámos, estavas decidida a ficar naquele apartamento, à espera de que aquele-cujo-nome-não-mencionaremos se dignasse a aparecer por lá.

Estremeço, surpreendida. Não pelo sentimento — o Mo e a Gerty nunca gostaram do Justin, e eu sei que detestam que ainda viva no apartamento dele, embora ele raramente esteja lá. É só incomum que a Gerty o traga à baila. Depois de o último jantar para fazermos as pazes ter terminado numa discussão furiosa, eu desisti de tentar que todos se dessem bem, deixando simplesmente de falar sobre ele com a Gerty e o Mo. É difícil livrarmo-nos de velhos hábitos — mesmo depois de a relação terminar, todos temos evitado referi-lo diretamente.

— E porque é que tem de ser *tão* barato? — continua a Gerty, ignorando o olhar de aviso do Mo. — Eu sei que te pagam uma miséria, mas, realmente, Tiffy, 400 libras por mês é uma renda impossível em Londres. Já pensaste bem nisto tudo? Como deve ser?

Engulo em seco. Sinto o Mo a observar-me com cautela. É o problema de se ter um psicoterapeuta como amigo: o Mo é basicamente um médium certificado e parece nunca desligar os seus superpoderes.

— Tiff? — insta-me ele delicadamente.

Oh, caramba, vou mesmo ter de lhes mostrar e pronto. Já não há volta a dar. Depressa e de uma vez só, é a melhor maneira — como arrancar um penso, ou entrar em água fria, ou dizer à minha mãe que parti alguma decoração da cómoda da sala.

Pego no meu telemóvel e abro a mensagem do *Facebook*.

*Tiffy,*

*Estou mesmo desiludido com a forma como te comportaste ontem à noite. Foste completamente irrazoável. O apartamento é meu, Tiffy — posso aparecer quando quiser, com quem quiser.*

*Esperava que te mostrasses mais agradecida por te ter deixado ficar lá em casa. Eu sei que termos acabado tem sido difícil para ti —*

*sei que não estás preparada para ir embora. Mas se achas que isso significa que podes começar a tentar «estabelecer algumas regras», então está na hora de me pagares os últimos três meses de renda. E também vais ter de pagar o valor total da renda daqui em diante. A Patricia diz que estás a aproveitar-te de mim, a viver na minha casa basicamente de graça, e apesar de eu sempre te ter defendido, depois da cena de ontem não posso deixar de pensar que ela é capaz de ter razão.*

*Bjs,*

*Justin*

O meu estômago revolve-se quando volto a ler aquela linha, *estás a aproveitar-te de mim*, porque nunca foi essa a minha intenção. Só não sabia que, desta vez, estava mesmo decidido quando me deixou.

O Mo acaba de ler primeiro.

— Ele «apareceu» de novo na quinta-feira? Com a Patricia?

Desvio o olhar.

— Ele até tem a sua razão. Tem sido muito bom em deixar-me ficar lá este tempo todo.

— Tem piada — diz a Gerty num tom sombrio. — Eu sempre tive a distinta sensação de que ele gostava de te manter lá.

A forma como o diz faz com que pareça estranho, mas eu sinto mais ou menos o mesmo. Enquanto estou no apartamento do Justin, é como se não tivéssemos realmente acabado. Quero dizer, em todas as outras vezes, ele acabou por voltar. Mas depois... na quinta-feira conheci a Patricia. A mulher de carne e osso, extremamente atraente e bastante encantadora por quem o Justin me deixou. Nunca tinha havido outra mulher antes.

O Mo estende a mão para a minha; a Gerty segura-me a outra. Assim ficamos, a ignorar o agente imobiliário que fuma do lado de fora da janela, e eu deixo-me chorar por um instante, apenas uma lágrima grande a descer-me pela face.

— Portanto, seja como for — digo numa voz animada, soltando as mãos para limpar os olhos. — Preciso de me mudar. Já. Mesmo que

quisesse ficar e arriscar-me a que ele voltasse a levar lá a Patricia, não posso pagar a renda, e já lhe devo uma batelada, e não quero mesmo pedir dinheiro emprestado a ninguém, estou um bocado farta de não conseguir pagar as coisas por mim mesma, para ser sincera, por isso... sim. É isto ou o apartamento partilhado.

O Mo e a Gerty entreolham-se. A Gerty fecha os olhos, numa expressão de resignação penosa.

— Bem, é evidente que não podes viver aqui. — Abre os olhos e estende uma mão. — Mostra-me lá o anúncio outra vez.

Passo-lhe o telemóvel, passando da mensagem do Justin para o anúncio dos classificados.

*Soalheiro apartamento de duas assoalhadas com uma cama em Stockwell, renda 350 libras/mês incluindo despesas. Disponível de imediato, por 6 meses no mínimo.*

*Apartamento (e quarto/cama) é para partilhar com profissional de cuidados paliativos de 27 anos que trabalha à noite e está fora ao fim de semana. Só se encontra no apartamento das 9 da manhã às 18 horas da tarde, de segunda a sexta-feira. Durante o resto do tempo, a casa é sua! Perfeito para alguém com um emprego das 9 às 17 horas.*

*Para visitar, contacte L. Twomey — mais informações abaixo.*

— Não é só partilhar um apartamento, Tiff. É partilhar uma cama. Partilhar uma cama é *esquisito* — diz o Mo, preocupado.

— E se este L. Twomey for um homem? — pergunta a Gerty.

Estou preparada para essa pergunta.

— Não faz diferença — digo calmamente. — Não é como se alguma vez fôssemos estar na cama ao mesmo tempo... nem sequer no apartamento.

Isto é desconfortavelmente semelhante ao que disse para justificar ficar em casa do Justin no mês passado, mas vamos esquecer isso.

— Irias para a cama com ele, Tiffany! — diz a Gerty. — Toda a gente sabe que a primeira regra quando se partilha uma casa é não ir para a cama com o companheiro de casa.



— Não me parece que seja a este tipo de acordo que as pessoas se refiram — digo-lhe num tom cáustico. — Sabes, Gerty, às vezes quando as pessoas dizem «ir para a cama», o que querem dizer é...

Ela lança-me um olhar demorado e impassível.

— Sim, obrigada, Tiffany.

Os risinhos do Mo param abruptamente quando a Gerty dirige o mesmo olhar para ele.

— Eu diria que a primeira regra quando se partilha uma casa é assegurares-te de que te dás bem com a pessoa antes de te mudares — diz ele com astúcia, fazendo o Gerty redirecionar o olhar na minha direção. — *Sobretudo* nestas circunstâncias.

— É óbvio que vou conhecer este ou esta L. Twomey primeiro. Se não nos dermos bem, não aceito.

Passado um pouco, o Mo acena com a cabeça e aperta-me o ombro. Todos nos remetemos ao tipo de silêncio que costuma instalar-se depois de se falar de algo difícil — em parte gratos por ter acabado, em parte aliviados por termos conseguido fazer isso de todo.

— Está bem — diz a Gerty. — Está bem. Faz o que tens de fazer. Só pode ser melhor do que viver nesta imundície. — Marcha para fora do apartamento, virando-se no último instante para se dirigir ao agente imobiliário, que vem da varanda. — E você — diz-lhe em alto e bom som —, é uma praga para a sociedade.

Ele pestaneja enquanto ela bate com a porta. Ficamos num longo e incómodo silêncio. Ele apaga o cigarro.

— Está interessada, então? — pergunta-me.

Chego cedo ao trabalho e afundo-me na cadeira. Neste momento, a minha secretária é a coisa mais parecida com uma casa. É um refúgio de objetos semi-artesanais, coisas que se revelaram demasiado pesadas para que as levasse no autocarro, e plantas envasadas dispostas de tal maneira que vejo as pessoas a aproximarem-se antes de elas saberem se estou ou não à secretária. O meu muro de plantas é altamente considerado pelo pessoal mais recente como um exemplo inspirador de

*design* de interiores. (Na verdade, trata-se apenas de escolher plantas da cor do nosso cabelo — no meu caso, vermelho — e de nos baixarmos/fugirmos quando damos por alguém a aproximar-se com passos decididos.)

A minha primeira tarefa do dia é receber a Katherin, uma das minhas autoras preferidas. A Katherin escreve livros sobre tricô e croché. É uma audiência-nicho que os compra, mas essa é a vida da editora Butterfingers Press — adoramos audiências-nicho. Especializamo-nos em livros de trabalhos manuais e faça-você-mesmo. Lençóis tingidos, faça os seus próprios vestidos, como fazer um abajur de croché, crie toda a sua mobília a partir de escadas... Esse tipo de coisas.

Eu adoro trabalhar aqui. Essa é a única explicação possível para o facto de ser assistente editorial há três anos e meio, ganhando menos do que o salário de subsistência que Londres requer, e não ter feito qualquer tentativa de retificar a situação tomando a iniciativa de, por exemplo, enviar uma candidatura para uma editora que tenha algum lucro. A Gerty gosta de dizer que me falta ambição, mas não é mesmo isso. É só que adoro isto. Em criança, passava os dias a ler, ou a alterar os meus brinquedos até ficarem como os queria: a tingir o cabelo da Barbie, a quitar o meu camião da *JCB*. E agora ganho a vida a ler e a fazer trabalhos manuais.

Bem, não ganho propriamente a vida. Mas ganho algum dinheiro. O suficiente para pagar impostos.

— Ouça o que lhe digo, Tiffy, o croché vai ser o novo «livros para colorir» — diz-me a Katherin assim que se instala na nossa melhor sala de reuniões, onde me apresentou o plano do próximo livro. Examino o dedo que está a agitar na minha direção. Tem cerca de 50 anéis em cada mão, mas ainda não percebi se alguns serão alianças ou anéis de noivado (imagino que, se tiver algum desses, terá mais do que um).

A Katherin encontra-se mesmo no limiar aceitável da excentricidade: tem uma trança loura como palha, um desses bronzeados que consegue a proeza de envelhecer bem, e histórias intermináveis sobre invadir sítios na década de 60 e fazer chichi em coisas. Em tempos foi

uma verdadeira rebelde. Ainda hoje se recusa a usar soutien, apesar de estes se terem tornado bastante confortáveis e de a maioria das mulheres ter desistido de resistir ao poder, porque a Beyoncé o faz por todas nós.

— Isso seria bom — comento. — Se calhar podemos acrescentar uma cinta no livro a dizer «atenção plena». É uma atividade que requer atenção plena, não é? Ou só serve para distrair?

A Katherin ri-se, atirando a cabeça para trás.

— Ah, Tiffy. Que emprego ridículo o seu. — Dá-me uma palmadinha afetuosa na mão e pega na sua mala. — Se vir o Martin — diz ela —, diga-lhe que só vou dar aquela aula no cruzeiro se tiver uma assistente jovem e glamorosa.

Resmungo. Sei onde é que isto vai parar. A Katherin gosta de me arrastar para estas coisas — para qualquer aula que precise de um modelo de carne e osso para mostrar como tirar medidas enquanto se vai criando uma peça de roupa, aparentemente, e eu uma vez cometi o erro fatal de me oferecer para o trabalho quando ela não conseguia encontrar ninguém. Agora sou sempre a sua escolha. E o departamento de relações públicas anda tão desesperado por levar a Katherin a esse tipo de eventos que começou a implorar-me que vá também.

— Isso é demasiado, Katherin. Não vou fazer um cruzeiro consigo.

— Mas é de graça! As pessoas pagam milhares por ir num destes, Tiffy!

— A Katherin só vai até à Ilha de Wight — recordo-a. O Martin já me informara acerca desta ideia. — E é num fim de semana. Não trabalho aos fins de semana.

— Não é trabalho — insiste a Katherin, reunindo os apontamentos e enfiando-os na pasta que traz na mala numa ordem completamente aleatória. — É uma bela viagem de barco num sábado, com uma das suas amigas. — Faz uma pausa. — Eu! — esclarece. — Somos amigas, não somos?

— Eu sou a sua editora! — replico, encaminhando-a para fora da sala de reuniões.

— Pense nisso, Tiffy! — diz-me olhando para trás, sem se deixar perturbar. Vê o Martin, que estava junto às fotocopiadoras, mas já vem ao seu encontro. — Não vou fazer isto a menos que ela venha, Martin, meu querido! É com ela que tem de falar!

E depois desaparece, deixando as portas de vidro sujo do nosso escritório a abanarem atrás dela. O Martin vira-se para mim.

— Gosto muito dos teus sapatos — diz com um sorriso encantador. Estremeço. Não suporto o Martin do departamento de relações públicas. Está sempre a dizer coisas como «vamos pôr isso em ação», e estala os dedos à Ruby, que é do marketing, mas que ele parece pensar que é sua assistente. O Martin só tem 23 anos, mas decidiu que melhorará as suas hipóteses na conquista incessante por senioridade na empresa se conseguir parecer mais velho do que é, pelo que faz sempre uma terrível voz folgazona e tenta conversar sobre golfe com o nosso diretor.

Os sapatos *são* excelentes, lá isso é verdade. São umas botas roxas do género *Doc Martens* com lírios brancos pintados, e que me levaram grande parte de sábado. Os meus trabalhos manuais e personalizações melhoraram realmente desde que o Justin me deixou.

— Obrigada, Martin — respondo, já a tentar voltar à segurança da minha secretária.

— A Leela mencionou que andas à procura de casa — diz ele.

Hesito, sem saber onde isto irá parar. Pressinto que não será a nenhum sítio bom.

— Eu e a Hana temos um quarto a mais. — A Hana é uma mulher do departamento de marketing que desdenha sempre do meu sentido de estilo. — Se calhar já viste no *Facebook*, mas achei que era capaz de ser boa ideia mencioná-lo, sabes, pessoalmente. Tem uma cama de solteiro, mas, bom, suponho que isso agora não seja problema para ti. Como somos amigos, eu e a Hana decidimos que podíamos oferecer-to por 500 por mês, mais despesas.

— Que amáveis! — afirmo. — Mas por acaso *acabei* de encontrar outro sítio.

Bem, mais ou menos. Quase. Oh, meu Deus, se L. Twomey não me quiser, terei de viver com o Martin e a Hana? Quero dizer, já passo todos os dias a trabalhar com eles e, francamente, isso é tempo que chegue de Martin e Hana para mim. Não sei se a minha (já de si trémula) determinação de deixar o apartamento do Justin aguenta a ideia do Martin a chatear-me com pagamentos de renda e da Hana a ver-me todas as manhãs no meu pijama da série *Hora de Aventuras* manchado de papas de aveia.

— Oh. Pronto, muito bem, então. Suponho que teremos de encontrar outra pessoa. — A sua expressão torna-se astuciosa. Cheirou-lhe a culpa. — Podias compensar-me indo com a Katherin àquele...

— Não.

Ele solta um suspiro exagerado.

— Valha-me Deus, Tiffy. É um cruzeiro de graça! Não passas a vida em cruzeiros?

*Costumava* passar a vida em cruzeiros, quando o meu maravilhoso namorado, que já não o é, me levava. Velejávamos de ilha caribenha em ilha caribenha envolvidos numa aura soalheira de felicidade romântica. Explorávamos cidades europeias e depois voltávamos ao barco para termos sexo incrível no nosso camarote minúsculo. Enchíamos-nos no bufete à descrição e depois esparramávamo-nos no convés a ver as gaviotas voarem em círculos por cima de nós enquanto falávamos ociosamente dos filhos que haveríamos de ter.

— Fartei-me — digo, pegando no telemóvel. — Agora, se me dás licença, tenho de fazer um telefonema.

## 2

LEON

**T**elefone toca quando a Dra. Patel está a receitar medicamentos para a Holly (uma menina com leucemia). Má altura. Muito má altura. A Dra. Patel não está feliz com a interrupção e deixa bem claro o que sente. Parece ter-se esquecido que também eu, sendo um enfermeiro do turno noturno, deveria ter ido para casa às 8 horas da manhã, mas ainda aqui estou, a lidar com pessoas doentes e médicos rezingões como a Dra. Patel.

Desligo quando toca, obviamente. Tomo nota mental para ouvir o gravador de mensagens e para mudar o toque para qualquer coisa menos embaraçosa (este chama-se *Jive* e é demasiado animado para um ambiente hospitalar. Não que a animação não tenha lugar num espaço de doença, é só que nem *sempre* é apropriada).

Holly: Porque é que não atendeste? Isso não é falta de educação? E se era a tua namorada de cabelo curto?

Dra. Patel: O que é falta de educação é deixar o telemóvel com som durante uma ronda pela ala. Se bem que me surpreende que quem quer que seja tenha sequer tentado ligar-lhe a esta hora.

Lança-me um olhar meio irritável e meio divertido.

Dra. Patel: És capaz de ter reparado que o Leon não é muito falador, Holly.

Inclina-se, com um ar conspirador.

Dra. Patel: Um dos administrativos tem uma teoria. Ele diz que o Leon tem um número limitado de palavras para usar por turno e que, quando chega a esta hora, já as esgotou por completo.

Não me digno a responder a isto.

Por falar na namorada de cabelo curto: ainda não contei à Kay sobre a cena do quarto. Não tive tempo. E também estou a evitar um

conflito inevitável. Mas sei que tenho mesmo de lhe ligar mais tarde esta manhã.

Esta noite foi boa. A dor do Sr. Prior diminuiu o suficiente para ele conseguir começar a contar-me acerca do homem por quem se apaixonou nas trincheiras: um sedutor de cabelo escuro chamado Johnny White, com o queixo cinzelado de uma estrela de Hollywood e um brilho no olhar. Tiveram um verão intenso e romântico marcado pela guerra, e depois foram separados. O Johnny White foi levado para o hospital devido a um trauma de guerra. Nunca mais voltaram a ver-se. O Sr. Prior podia ter-se metido em grandes apuros (a homossexualidade era uma vergonha para os militares).

Eu estava cansado, com a energia do café a passar, mas fiquei com o Sr. Prior depois da mudança de turno. O homem nunca tem visitas e adora falar. Não consegui escapar à conversa sem um cachecol (o décimo quarto que o Sr. Prior me oferece). Só posso recusar um determinado número de vezes, e ele tricota tão depressa, que me pergunto porque se terão dado ao trabalho de fazer a Revolução Industrial. Tenho praticamente a certeza de que ele é mais rápido do que uma máquina.

Ouçõ a mensagem de voz depois de comer um salteado de frango perigosamente aquecido, enquanto via um episódio de *Masterchef* da semana anterior.

Mensagem de voz: Olá, estou a falar com L. Twomey? Oh, merda, não pode atender... faço sempre isto nas mensagens de voz. Bom, vou simplesmente continuar, partindo do princípio de que será L. Twomey. Chamo-me Tiffy Moore e estou a telefonar por causa do anúncio do quarto. Ouça, os meus amigos acham que é esquisito que partilhemos a cama, mesmo que seja em horários diferentes, mas isso não me incomoda, se a si também não o incomodar, e, para ser sincera, faria praticamente qualquer coisa por um apartamento no centro de Londres para onde pudesse mudar-me já por esse preço. [Pausa] Oh, céus, qualquer coisa não. Há *montes* de coisas que eu não faria. Não sou desse... Não, Martin, *agora* não, não vêes que estou ao telefone?

Quem será o Martin? Será uma criança? Será que esta tagarela com sotaque de Essex quer trazer uma criança para o meu apartamento?

A mensagem de voz continua: Desculpe, é o meu colega que quer que eu vá num cruzeiro com uma senhora de meia-idade para falar de croché a reformados.

Não era a explicação que eu esperava. Melhor, sem dúvida, mas pede muitas perguntas.

A gravação continua: Olhe, pode só ligar-me ou mandar-me uma mensagem se o quarto ainda estiver disponível? Sou muitíssimo arrumada, não vou incomodá-lo, e ainda estou habituada a cozinhar jantar para dois, por isso, se gostar de comida caseira, posso deixar-lhe o que sobrar do jantar.

Diz o seu número. Mesmo a tempo, lembro-me de tomar nota.

É irritante, definitivamente. E é uma mulher, o que pode aborrecer a Kay. Mas só telefonaram outras duas pessoas: uma perguntou-me se eu tinha alguma coisa contra ouriços como animais de estimação (resposta: não, a menos que vivam no meu apartamento), e a outra era definitivamente traficante de drogas (não estou a ser preconceituoso — ofereceu-me drogas durante o telefonema). Preciso de mais 350 libras por mês se vou continuar a pagar ao Sal sem a ajuda da Kay. Este é o único plano que tenho ao meu dispor. Além disso, nunca hei de ver a mulher irritante. Só estarei em casa quando ela não estiver.

Mando-lhe uma mensagem:

Olá, Tiffy. Obrigado por teres telefonado. Seria ótimo se pudéssemos encontrar-nos e falar das condições do apartamento. Que tal sábado de manhã? Até breve, Leon Twomey

Uma mensagem de uma pessoa normal e simpática. Resisto a todos os impulsos de fazer perguntas acerca dos planos de cruzeiro do Martin, embora me sinta curioso.

Ela responde quase de imediato:



Olá! Parece-me ótimo. Às 10 horas no apartamento, então? Bj

Às 9 horas, senão adormeço! Vêmo-nos lá. A morada está no anúncio. Até breve,  
Leon

Pronto. Feito. Fácil: 350 libras já quase no bolso.  
Agora contar à Kay.

### 3

#### TIFFY

Então, como é natural, fico curiosa e vou procurá-lo no *Google*. Leon Twomey é um nome bastante invulgar, e encontro-o no *Facebook* sem ter de empregar as técnicas acoissadoras e sinistras que reservo para novos autores que tento roubar a outras editoras.

É um alívio ver que ele não faz de todo o meu tipo, o que definitivamente facilitará as coisas — se o Justin alguma vez conhecesse o Leon, por exemplo, acho que não o veria como uma ameaça. Tem pele morena e cabelo escuro, espesso e encaracolado, suficientemente comprido para o pôr atrás das orelhas, e é demasiado desengonçado para mim. Todo cotovelos e pescoço, esse género. Mas parece simpático — em todas as fotos está com um sorriso doce e enviesado que não parece de todo sinistro ou homicida, embora, na verdade, se olharmos para uma foto com essa ideia em mente, toda a gente comece a parecer um assassino de machado na mão, pelo que tento afastar esse pensamento da minha cabeça. Parece amistoso e nada ameaçador. Isso são coisas boas.

No entanto, agora já sei com toda a certeza que é um homem.

Estarei mesmo disposta a partilhar a cama com um homem? Até com o Justin isso às vezes era um bocado horrível, e tínhamos uma relação. O lado dele no colchão tinha uma cova no meio e ele nem sempre tomava duche entre ir ao ginásio e meter-se na cama, por isso o lado dele do edredão... cheirava um bocadinho a suor. Eu tinha sempre de me assegurar de que virava o mesmo lado para cima, para não ficar com a parte suada.

Ainda assim... 350 libras por mês. E ele *nunca* estaria lá.

— Tiffany!

Levanto a cabeça de imediato. Caraças, é a Rachel, e sei o que ela quer. Quer o manuscrito deste maldito livro de cozinha com rimas infantis que tenho passado o dia a ignorar.

— Não tentes esquivar-te para a cozinha nem fingir que estás ao telefone — diz ela por cima do meu muro de plantas. É esse o problema de se ter amigos no trabalho: contamos-lhes os nossos truques quando vamos a um pub e nos embebedamos, e depois ficamos indefesos.

— Arranjaste o cabelo! — exclamo. É um esquema exasperado para redirecionar a conversa o mais depressa possível, mas é verdade que o cabelo dela está particularmente espetacular hoje. Está entrançado, como sempre, mas desta vez cada pequena trança tem um brilhante fio turquesa entre os fios de cabelo, como os fios de um espartilho. — Como é que o entranças assim?

— Não tentes distrair-me, Tiffany Moore — diz ela, a tamborilar as unhas perfeitas pintadas com verniz às bolinhas. — Quando é que vou ter esse manuscrito?

— Só preciso de... *um bocadinho* de mais tempo... — Tapo os papéis à minha frente com a mão para que ela não veja os números das páginas (ainda na casa das unidades).

Ela semicerra os olhos.

— Quinta?

Assinto avidamente com a cabeça. Sim, porque não? Quero dizer, por esta altura isso já é completamente impossível, mas sexta-feira parece muito menos mau se for dito na quinta, pelo que lho direi então.

— E vamos tomar um copo amanhã à noite?

Hesito. A minha ideia era portar-me bem e não gastar dinheiro *nenhum* esta semana, mas as noitadas com a Rachel são sempre fantásticas e, francamente, ia saber-me mesmo bem divertir-me. Para além disso, não poderá discutir comigo por causa do manuscrito na quinta-feira, se estiver de ressaca.

— Combinado.

\*

O Bêbedo N.º 1 é do género expressivo. O tipo de bêbedo que gosta de abrir bem os braços independentemente do que esteja à sua esquerda ou direita (até agora: uma grande palmeira falsa, uma bandeja de *shots* de sambuca, uma modelo ucraniana relativamente famosa). Todos os movimentos são exagerados, até os passos básicos para caminhar — sim, aqueles de pé esquerdo para a frente, pé direito para a frente, repetir. O Bêbedo N.º 1 faz com que caminhar pareça jogar à macaca.

O Bêbedo N.º 2 é do género enganador. Mantém o rosto muito imóvel enquanto nos escuta, como se a ausência de expressão deixasse bem claro como está sóbrio. Acena ocasionalmente com a cabeça, de forma bastante convincente, mas não pestaneja o suficiente. As suas tentativas de nos espreitar o decote são muito menos subtis do que ele julga.

Pergunto-me o que pensarão de mim e da Rachel. Vieram direitos a nós, mas isso não é necessariamente positivo. Quando namorava com o Justin, se saísse à noite com a Rachel, ele lembrava-me sempre de que muitos homens veem «rapariga excêntrica» e pensam «desesperada e fácil». Tinha razão, como de costume. Até me pergunto se será mais fácil arranjar com quem ir para a cama sendo uma rapariga excêntrica do que do género *cheerleader*: somos mais acessíveis e ninguém parte do princípio de que já temos namorado. O que provavelmente seria mais uma razão para o Justin não ser grande fã das minhas noitadas com a Rachel, agora que penso nisso.

— Então livros que ensinam a fazer bolos? — pergunta o Bêbedo N.º 2, provando assim as suas capacidades de escuta e a referida sobriedade. (Sinceramente. De que vale tomar *shots* de sambuca se se passa a noite a fingir que não se bebeu?)

— Sim! — responde a Rachel. — Ou a construir prateleiras, ou a fazer roupa, ou... ou... o que é que *tu* gostas de fazer?

Ela está suficientemente bêbeda para achar o Bêbedo N.º 2 atraente, mas desconfio que esteja apenas a tentar mantê-lo ocupado para me dar espaço para atacar o Bêbedo N.º 1. Dos dois, o Bêbedo N.º 1 é claramente preferível — para começar, é suficientemente alto. Esse

é o primeiro desafio. Meço um metro e oitenta e dois, e embora não tenha qualquer problema em andar com homens mais baixos, muitas vezes eles parecem incomodados se eu tiver mais dois ou cinco centímetros do que eles. Por mim tudo bem — não tenho qualquer interesse por aqueles que se preocupam com esse tipo de coisa. É um filtro útil.

— O que é que eu gosto de fazer? — repete o Bêbedo N.º 2. — Gosto de dançar com raparigas giras em bares com nomes maus e bebidas demasiado caras.

Ele esboça um sorriso repentino, o qual, apesar de um pouco mais lento e enviesado do que provavelmente ele quereria, é bastante atraente.

Vejo que a Rachel está a pensar o mesmo. Atira-me um olhar analista — não está assim tão bêbeda, afinal — e vejo-a a avaliar a situação entre mim e o Bêbedo N.º 1.

Olho para o Bêbedo N.º 1 também e faço a minha própria avaliação. É alto, com ombros largos e o cabelo a ficar grisalho nas têmporas, o que até é bastante *sexy*. Deve andar pelo meio da casa dos 30 — até se parece um bocadinho com o Clooney na década de 90, se semicerrarmos um pouco os olhos ou diminuirmos a luz.

Agrada-me? Se me agradecer, posso ir para a cama com ele. É possível fazer-se isso quando se é solteiro.

Que estranho.

Na verdade, ainda não tinha pensado em ir para a cama com alguém desde o Justin. Recupera-se imenso tempo quando se fica solteiro e não se faz sexo — não apenas o tempo que isso requer, mas o tempo que se gasta a depilar as pernas, a comprar roupa interior bonita, a perguntarmo-nos se todas as outras mulheres depilarão as virilhas, etc. É mesmo uma vantagem. Claro que há a ausência avassaladora de um dos melhores aspetos da vida adulta, mas consegue fazer-se muito mais.

Obviamente, sei que acabámos há três meses. Sei que, em teoria, posso ir para a cama com outras pessoas. Mas... não consigo deixar

de pensar no que o Justin diria. Em como ficaria zangado. Posso ter permissão, tecnicamente, mas não... bem, não é uma *permissão-permissão*. Na minha cabeça, ainda não.

A Rachel percebe.

— Desculpa, companheiro — diz ela, dando uma palmadinha no braço do Bêbedo N.º 2. — *Eu gosto de dançar com a minha amiga.*

Rabisca o seu número de telefone num guardanapo — sabe-se lá onde é que arranjou aquela caneta, a mulher é mágica — e depois dá-me a mão e vamos para o meio da pista de dança, onde a música me atinge o cérebro vinda dos dois lados, e me deixa os tímpanos a tremer.

— Que tipo de bêbeda és tu? — pergunta-me, enquanto nos mexemos de uma forma muito pouco apropriada ao som de um clássico das Destiny's Child.

— Sou um bocado... *cautelosa* — grito-lhe. — Demasiado analítica para ir para a cama com aquele tipo simpático.

Ela deita a mão a uma bebida da bandeja de uma daquelas raparigas com *shots* que anda pelo espaço a pedir para pagarmos demasiado pelas coisas, e passa-lhe algum dinheiro.

— Então és do tipo «não bêbeda o suficiente» — diz ela, passando-me a bebida. — Está bem que és editora, mas nenhuma miúda bêbeda usa palavras como «analítica».

— Assistente editorial — recordo-a, e deito a bebida abaixo. *Jägerbomb*. É estranho como uma coisa tão asquerosa, que deixa um sabor na boca que dá vontade de vomitar no dia seguinte, possa saber tão bem numa pista de dança.

A Rachel fornece-me álcool a noite inteira e mete-se com todos os amigos de homens atraentes, que empurra na minha direção sem hesitar. Independentemente do que ela diga, estou bastante tocada, pelo que não dou grande importância ao assunto — ela está apenas a ser uma excelente amiga. A noite gira num turbilhão de gente a dançar e bebidas coloridas.

Só quando o Mo e a Gerty chegam é que começo a perguntar-me qual será o objetivo desta noite.

O Mo tem o ar de um homem convocado com pouco tempo de antecedência. Tem a barba um pouco amassada, como se tivesse dormido em cima dela de uma maneira estranha, e está a usar uma t-shirt gasta de que me lembro dos tempos da universidade — embora agora lhe esteja um bocado mais apertada. A Gerty está altivamente linda, como sempre, sem maquilhagem e com o cabelo apanhado num puxo de bailarina; é difícil perceber se já teria planeado vir, porque nunca usa maquilhagem e veste-se sempre impecavelmente. É bem capaz de ter simplesmente enfiado um par de sapatos de salto mais alto a condizer com as *skinny jeans* à última da hora.

Estão a avançar pela pista de dança. A minha suspeita de que o Mo não estava a planear vir confirma-se — ele não está a dançar. Quando se leva o Mo a uma discoteca, ele dança sempre. Então porque terão aparecido na minha saída de quarta-feira à noite, combinada com a Rachel sem grande antecedência? Eles nem sequer a conhecem assim tão bem — só se têm visto em festas de aniversário ou para celebrar novas casas. Na verdade, a Gerty e a Rachel têm uma ligeira disputa para determinar quem será a loba-alfa, e quando nos encontramos todos, costumam acabar a picarem-se uma à outra.

*Será o meu aniversário?*, penso, inebriada. Será que tenho notícias surpreendentes e excitantes?

Viro-me para a Rachel.

— O quê...?

— Mesa — diz ela, a apontar para as mesas ao fundo da discoteca.

A Gerty disfarça relativamente bem a irritação quanto a ser mandada para outro sítio quando acaba de batalhar para chegar ao centro da pista de dança.

Estou a ficar com um mau pressentimento. Mas como cheguei precisamente ao ponto mais feliz da bebedeira, estou disposta a suspender pensamentos preocupados na esperança de que tenham vindo para me contar que ganhei umas férias de quatro semanas na Nova Zelândia ou qualquer coisa assim.

Mas não.

— Tiffy, não sabia como contar-te isto — diz a Rachel —, por isso este foi o melhor plano que consegui arranjar. Deixar-te feliz e bêbeda, lembrar-te de como é namoriscar, e depois ligar à tua equipa de apoio. — Estende as mãos para segurar as minhas. — Tiffy. O Justin está noivo.



## 4

LEON

Conversa sobre o apartamento não correu de todo como previsto. CA Kay ficou invulgarmente zangada. Talvez irritada com a ideia de outra pessoa a dormir na minha cama para além dela? Mas ela nunca me visita. Detesta as paredes verde-escuras e os vizinhos idosos — isso faz parte da sua conversa de «passas demasiado tempo com velhos». Vamos sempre para o dela (paredes cinzento-claro, vizinhos jovens e seguidores da moda).

Discussão acaba num impasse desgastante. Ela quer que eu tire o anúncio e cancele com a mulher de Essex. Eu não vou mudar de ideias. É a melhor ideia que alguma vez me ocorreu para conseguir dinheiro fácil, à exceção de ganhar a lotaria, o que não pode ser considerado planeamento financeiro. Não quero voltar a pedir-lhe aquelas 350 libras emprestadas. Foi a própria Kay que o disse: não era bom para a nossa relação.

Conseguiu perceber isso. Há de aceitar.

Noite lenta. A Holly não conseguia dormir; jogámos às damas. Ela levanta os dedos e fá-los dançar por cima do tabuleiro como se estivesse a lançar um feitiço antes de tocar numa peça. Ao que parece, é um truque mental — leva o outro jogador a observar o que estamos a fazer, em vez de planear a jogada seguinte. Onde é que uma miúda de 7 anos aprendeu truques mentais?

Faço a pergunta.

Holly: És bastante ingénuo, não és, Leon?

Diz «inguénuo». Provavelmente nunca tinha dito a palavra, só a lera num dos seus livros.

Eu: Conheço bastante do mundo, obrigadinho, Holly!

Lança-me um olhar condescendente.

Holly: Não faz mal, Leon. És só demasiado bonzinho. Aposto que as pessoas passam a vida a pisar-te, como um capacho.

Ela apanhou a frase nalgum lugar, sem dúvida. Provavelmente com o pai, que a visita semana sim, semana não, num fato cinzento e austero, e que lhe traz doces de gosto duvidoso e o cheiro azedo a fumo de cigarro.

Eu: Ser bonzinho é uma coisa boa. Podes ser forte e boazinha. Não tens de escolher.

Lá está aquele olhar condescendente.

Holly: Olha. É tipo... a Kay é forte e tu és bonzinho.

Ela afasta muito as mãos, como que a dizer: é assim o mundo. Fico espantado. Não sabia que ela sabia o nome da Kay.

O Richie liga assim que chego. Tenho de correr para atender o telefone fixo — sei que vai ser ele, só ele é que liga para aqui — e bato com a cabeça no candeeiro do teto da cozinha. É a coisa de que menos gosto neste apartamento excelente.

Esfrego a cabeça. Fecho os olhos. Ouço atentamente a voz do Richie, em busca de tremores e pistas quanto ao seu estado, e apenas para escutar um Richie verdadeiro, vivo, a respirar e ainda bem.

Richie: Conta-me uma história boa.

Fecho os olhos com mais força. Então não foi um bom fim de semana para ele. Os fins de semana são maus — mantêm-nos fechados durante mais tempo. Consigo perceber que está em baixo pelo sotaque, tão peculiar a ambos. Sempre parte Londres, parte County Cork, é mais irlandês quando está triste.

Falo-lhe da Holly. Da sua mestria nas damas. Das suas acusações de ingenuidade. O Richie ouve. E depois:

Richie: Ela vai morrer?

É difícil. As pessoas têm dificuldade em perceber que não é sobre se ela vai ou não morrer — os cuidados paliativos não são apenas um sítio

para onde se vai para desaparecer lentamente. Há mais pessoas a sobreviver e a ir embora do que a morrer nas nossas alas. É uma questão de ficar confortável pelo tempo que demora algo necessário e doloroso. De tornarmos melhores as alturas más.

A Holly, porém... é capaz de morrer. Está muito doente. Encantadora, precoce, e muito doente.

Eu: As estatísticas da leucemia são muito boas para os miúdos da idade dela.

Richie: Eu cá não quero estatísticas, meu. Quero uma boa história.

Sorrio, lembrando-me de quando éramos miúdos e representávamos o enredo de *Neighbours* no mês em que a televisão se avariou. O Richie sempre gostou de uma boa história.

Eu: Vai ficar bem. Vai crescer e quando for grande vai ser... programadora. Programadora profissional. Vai usar toda a sua mestria das damas para mapear sistemas informáticos e desenvolver digitalmente comida que vai acabar com a fome e deixar o Bono sem emprego na época natalícia.

O Richie ri-se. Não é grande galhofa, mas basta para me aliviar o nó de preocupação no estômago.

Silêncio durante algum tempo. Amigável, talvez, ou apenas uma ausência de palavras expressivas.

Richie: Isto aqui é o inferno, meu.

As palavras atingem-me como um murro no estômago. Com demasiada frequência neste ano que passou, senti esse contacto no estômago, como um punho cerrado. Sempre em alturas como esta, quando a realidade embate de novo depois de dias a bloqueá-la.

Eu: Não falta muito para o recurso. Estamos quase lá. O Sal diz que...

Richie: Sim, o Sal diz que quer que lhe paguemos. Sei como são as coisas, Lee. Não dá.

A voz pesada, lenta, quase arrastada.

Eu: Mas o que é isto? O que foi, perdeste a fé no teu mano mais velho? Costumavas dizer que eu ia ser bilionário!

Ouço um sorriso relutante.

Richie: Já deste que chegue.

Nunca. Isso é impossível. Nunca darei o suficiente, não para isto, embora já tenha desejado vezes suficientes poder trocar de lugar com ele para o salvar daquilo.

Eu: Tenho um esquema. Um esquema para ganhar dinheiro. Vais adorar.

Movimento.

Richie: Então, meu, ah, dá-me só um seg...

Vozes abafadas. O meu coração acelera. Quando falo ao telefone com ele, é fácil pensar que está nalgum sítio seguro e tranquilo, em que há apenas a sua voz e a minha. Mas ali está ele, no pátio, com uma fila atrás de si, tendo optado por usar esta meia hora fora da cela a fazer um telefonema em vez de aproveitar a oportunidade de tomar um duche.

Richie: Tenho de desligar, meu. Adoro-te.

Tom de marcação.

São o8h30 de sábado. Mesmo indo embora agora, chegarei tarde. E não vou embora agora, evidentemente. Tenho de mudar os lençóis sujos na Ala Dorsal, segundo a Dra. Patel; segundo a enfermeira-chefe da Ala Coral tenho de tirar sangue ao Sr. Prior; e de acordo com a Socha, a médica assistente, devo ajudá-la com o paciente que está a morrer na Ala Kelp.

A Socha ganha. Ligo à Kay enquanto corro.

A Kay, assim que atende: Ainda estás no trabalho, não estás?

Demasiado ofegante para uma explicação adequada. As alas são excessivamente distantes umas das outras em situações de emergência. O conselho administrativo da unidade de cuidados paliativos devia investir em corredores mais curtos.

Kay: Não faz mal. Eu encontro-me com a rapariga no teu lugar.

Tropeço. Surpreendido. Era minha intenção pedir-lhe isso, claro — foi por isso que liguei à Kay e não à mulher de Essex, para cancelar. Mas... foi muito fácil.

Kay: Olha, eu não gosto deste plano de partilhares o apartamento, mas sei que precisas do dinheiro e compreendo. Mas, para me poder sentir bem com isto, acho que deve passar tudo por mim. Encontro-me com a tal Tiffy, trato de tudo, e dessa forma a desconhecida que dorme na tua cama não é alguém com quem tenhas mesmo de interagir. E assim não me parece tão esquisito, e tu não tens de lidar com isto, coisa para que, a bem da verdade, não tens tempo.

Pontada de amor. Pode ser dor de burro, claro, é difícil saber ao certo nesta fase da relação, mas, ainda assim...

Eu: Tens... tens a certeza?

Kay, com firmeza: Sim. O plano é este. E não trabalhas ao fim de semana. OK? Os fins de semana são para mim.

Parece-me justo.

Eu: Obrigado. Obrigado. E... será que te importas... de lhe falar...

Kay: Sim, sim, falo-lhe do tipo esquisito no Apartamento 5 e aviso-a em relação às raposas.

É mesmo uma pontada de amor.

Kay: Sei que achas que não ouço, mas na verdade faço-o.

Ainda falta um bom minuto a correr antes de chegar à Ala Kelp. Não mantive um ritmo adequado. Erro de principiante. A terrível imediatez deste turno destabiliza-me, com todos os seus moribundos e escaras e pacientes complicados com demência, e faz-me esquecer regras básicas de sobrevivência em ambiente hospitalar. Andar depressa, não correr. Saber sempre as horas. Nunca perder a caneta.

Kay: Leon?

Esqueci-me de falar em voz alta. Tudo o que se ouvia era uma respiração carregada. É capaz de ter sido bastante sinistro.

Eu: Obrigado. Amo-te.

## 5

TIFFY

**A**inda penso em usar óculos de sol, mas decido que isso me faria parecer uma diva, dado que estamos em fevereiro. Ninguém quer partilhar o apartamento com uma diva.

A questão, claro está, é se preferem ou não uma diva a uma mulher destroçada que claramente passou os últimos dois dias a chorar.

Recordo-me de que isto não é uma situação em que vamos ser companheiros de casa. Eu e o Leon não precisamos de nos dar bem — não vamos viver juntos, propriamente, vamos apenas ocupar o mesmo espaço em alturas diferentes. Que diferença lhe fará se eu passar todo o tempo livre a chorar?

— Casaco — ordena a Rachel, passando-mo.

Ainda não cheguei ao abismo de precisar realmente que outra pessoa me vista, mas a Rachel passou aqui a noite, e, onde quer que esteja, o mais provável é que assuma o controlo da situação. Mesmo que «a situação» seja eu vestir as minhas roupas pela manhã.

Demasiado arrasada para protestar, aceito o casaco e visto-o. A verdade é que adoro este casaco. Fi-lo a partir de um enorme vestido de gala que encontrei numa loja solidária — limitei-me a desfazê-lo por completo e usar o tecido, mas deixei as lantejoulas onde estavam, pelo que agora tenho tachas roxas e bordados no ombro direito, pelas costas e debaixo do peito. Parece-se um pouco com a casaca de um mestre de cerimónias do circo, mas assenta-me na perfeição, e por estranho que seja, as lantejoulas debaixo do peito favorecem mesmo a linha da cintura.

— Não te dei isto? — pergunto, franzindo o sobrolho. — No ano passado?

— Tu, separares-te desse casaco? — A Rachel faz uma careta. — Sei que me adoras, mas tenho praticamente a certeza de que não adoras *ninguém* assim tanto.

Certo, claro. Estou tão derreada que nem consigo pensar como deve ser. Pelo menos importo-me com o que hei de levar vestido esta manhã. Sabe-se que as coisas vão mal quando enfio a primeira coisa que encontro na gaveta. E não é que as outras pessoas não deem por isso — o meu roupeiro é de tal ordem que um conjunto insuficientemente planeado dá mesmo nas vistas. Na quinta-feira, as calças de bombazina amarelo-mostarda, a blusa bege e o casaco de malha verde e comprido causaram alguma agitação lá no trabalho. A Hana do marketing teve um ataque de tosse quando entrei na cozinha e ela ia a meio de um gole de café. E além disso, ninguém percebe porque é que, de repente, fiquei tão triste. Percebo que é o que pensam todos: *Porque é que ela está a chorar agora? O Justin não a deixou há meses?*

Eles têm razão. Não faço ideia de por que razão esta fase particular da nova relação do Justin me perturba tanto. Eu já tinha decidido sair da casa que partilhávamos de uma vez por todas. E nem havia o desejo de eu querer que ele casasse comigo ou assim. Acho que pensava só... que ele voltaria. Foi isso que aconteceu sempre antes — ele vai-se embora, bate a porta, corta o contacto comigo, bloqueia-me as chamadas, mas depois apercebe-se do seu erro e, quando começo a sentir-me pronta para o esquecer, ele volta a aparecer, estendendo-me a mão e dizendo-me para ir com ele em alguma aventura incrível.

Mas agora acabou, não foi? Ele vai casar. Isto é... isto é...

Sem dizer nada, a Rachel passa-me os lenços.

— Ai, vou ter de me maquilhar outra vez — digo, quando o pior já passou.

— Não há meeeeeesmo tempo para isso — diz a Rachel, mostrando-me o ecrã do telemóvel.

Merda. São 8h30. Tenho de sair já, caso contrário vou chegar tarde e isso *dará* má impressão — se vamos atender a regras rigorosas quanto a quem está em casa e quando, o Leon vai querer que eu seja pontual.

— Óculos de sol? — pergunto.

— Óculos de sol. — A Rachel entrega-mos.

Agarro na mala e encaminho-me para a porta.

Enquanto o comboio segue pelos túneis da Northern Line, vejo o meu reflexo e endireito-me um pouco. Estou com bom aspeto. O vidro baço e riscado ajuda, claro — é como uma espécie de filtro do *Instagram*. Mas este é um dos meus conjuntos preferidos, acabei de lavar o cabelo ruivo acobreado e, embora possa ter ficado sem risco nos olhos de tanto chorar, o batom continua intacto. Aqui estou eu. Sou capaz de fazer isto. Saio-me perfeitamente bem sozinha.

Isto dura o tempo que demoro a chegar à entrada da estação de Stockwell. Então um tipo num carro grita-me «Põe-me esse rabo a andar!», e o choque basta para me lançar de novo na espiral de a-vida-é-uma-merda da Tiffy pós-fim-de-relação. Fico demasiado aturdida para o fazer ver os problemas anatómicos que teria se tentasse satisfazer-lhe o pedido de forma literal.

Chego ao prédio certo em cerca de cinco minutos — é uma boa distância da estação. Ante a perspetiva de encontrar de facto a minha futura casa, seco as bochechas e observo o espaço com atenção. É um desses prédios baixos de tijolo e, à frente, tem um pequeno pátio com um pedaço tristonho de relva londrina, que mais parece feno bem aparado. Há lugares de estacionamento para cada morador, um dos quais parece usar o espaço para armazenar uma quantidade impressionante de caixas de bananas vazias.

Ao tocar na campainha do Apartamento 3, deteto um movimento — é uma raposa, a sair da esquina onde os caixotes parecem viver. Lança-me um olhar insolente, parando com uma pata no ar. Nunca tinha estado tão perto de uma raposa — é bastante mais tihosa do que parecem nos livros ilustrados. Mas as raposas são boas, não são? São tão boas que já nem é permitido caçá-las por diversão, mesmo que se seja um aristocrata com um cavalo.

Com um zumbido, a porta solta-se do trinco; avanço para dentro do prédio. É muito... castanho. Um tapete castanho, paredes cor de



biscoito. Mas isso não tem importância — o que importa é o interior do apartamento.

Quando bato à porta do Apartamento 3, dou por mim a sentir-me genuinamente nervosa. Não — à beira do pânico. Estou mesmo a fazer isto, não estou? A ponderar dormir na cama de um desconhecido qualquer? A sair *realmente* do apartamento do Justin?

Oh, meu Deus. Talvez a Gerty tivesse razão e isto seja um bocado excessivo. Por um momento vertiginoso, imagino regressar ao apartamento do Justin, ao conforto daquele apartamento branco e cromado, à possibilidade de o ter de volta. Mas a ideia não me parece tão boa como tinha imaginado que pareceria. Em algum momento — talvez por volta das 23 horas de quinta-feira da semana passada — aquele apartamento começou a parecer-me um pouco diferente, e eu também.

Percebo, de uma maneira vaga e sem-olhar-diretamente-para-isto, que isto é uma coisa boa. Cheguei até aqui — não posso permitir-me voltar agora atrás.

Preciso de gostar deste sítio. É a minha única opção. Por isso, quando a pessoa que me abre a porta não é, claramente, o Leon, estou tão disposta a aceitar o que vir que me limito a alinhar. Nem sequer me mostro surpreendida.

— Olá!

— Olá — diz a mulher à porta. Morena, pequena e delicada, tem um daqueles cortes de cabelo à *pixie*, que dão um ar francês a qualquer mulher com uma cabeça suficientemente pequena. Sinto-me imediatamente enorme.

Ela nada faz para dissipar esta sensação. Quando entro no apartamento, sinto-a a mirar-me de alto a baixo. Tento observar a decoração — oh, papel de parede verde-escuro, parece ser genuíno dos anos 70 —, mas passado algum tempo, a sensação do seu olhar sobre mim começa a incomodar-me. Viro-me para a fitar.

Oh, é a namorada. E a sua expressão não podia ser mais óbvia: *Estava com medo de que fosses gira e tentasses roubar-me o namorado enquanto*

*te instalas na cama dele, mas agora já te vi e ele nunca se sentiria atraído por ti, por isso, sim! Entra!*

Agora é toda sorrisos. Pronto, como queira — se é isto que é preciso para ficar com o apartamento, não há problema. Não vai afugentar-me humilhando-me. Não faz ideia de quão desesperada estou.

— Chamo-me Kay — diz ela, estendendo-me a mão. Tem um aperto de mão firme. — Sou a namorada do Leon.

— Calculei. — Sorrio para aliviar o desconforto. — É um prazer conhecer-te. O Leon está...

Inclino a cabeça para o quarto. Ou isso ou a sala, que tem a cozinha a um canto — o apartamento não tem muito mais.

— ... na casa de banho? — sugiro, ao ver o quarto vazio.

— O Leon não conseguiu sair do trabalho a horas — explica a Kay, fazendo-me avançar para a sala de estar.

É bastante minimalista e um bocado gasta, mas está limpa e adoro que tenha aquele papel de parede dos anos 70 por todo o lado. Aposto que alguém pagaria 80 libras por rolo se a *Farrow & Bell* comesse a vendê-lo. Há um lustre na área da cozinha que não liga com a decoração mas que é fabuloso; os sofás são de pele com muito uso, a televisão nem está ligada à corrente, mas parece relativamente decente, e a alcatifa foi aspirada recentemente. Tudo parece promissor.

Talvez isto vá ser bom. Talvez vá ser *ótimo*. Crio uma pequena montagem de mim aqui, a preguiçar no sofá, a preparar qualquer coisa na cozinha e, de repente, a ideia de ter todo este espaço só para mim dá-me vontade de desatar aos pulos. Refreio-me mesmo a tempo. A Kay não me parece do género de começar a dançar espontaneamente.

— Então não vou... conhecer o Leon? — pergunto, ao lembrar-me de repente da primeira regra do Mo para partilhar casa.

— Bem, suponho que acabes por conhecer — responde a Kay. — Mas será comigo que tratas de tudo. Estou a encarregar-me da questão de arrendar o apartamento por ele. Vocês nunca estarão em casa ao mesmo tempo: o apartamento será teu das 18 horas da tarde às 8 horas

da manhã durante a semana, e durante todo o fim de semana. É um acordo para seis meses, para já. Por ti está bem assim?

— Sim, é mesmo o que preciso. — Faço uma pausa. — E... o Leon nunca vai aparecer sem aviso? Fora das horas dele, ou qualquer coisa assim?

— Com certeza que não — diz a Kay, com o ar de uma mulher que tenciona assegurar-se disso. — Das 18 da tarde às 8 da manhã, o apartamento é teu e só teu.

— Boa. — Expiro lentamente, para acalmar o frenesim de excitação que me cresce na barriga, e verifico a casa de banho — dá sempre para conhecer um sítio pela casa de banho. Todas as loiças são de um branco limpo e luminoso; há uma cortina de duche azul-escura, uns quantos frascos arrumados de vários cremes e líquidos de aspeto misterioso e masculino, e um espelho velho mas usável. Excelente. — Fico com ele. Se me aceitarem.

Tenho a certeza absoluta de que ela vai dizer que sim, se for mesmo ela a tomar a decisão. Soube-o assim que olhou para mim daquela maneira à entrada; independentemente dos critérios que o Leon possa ter para um companheiro de apartamento, a Kay só tem um, e eu claramente fiz um visto no quadrado de «adequadamente pouco atraente».

— Ótimo! — exclama ela. — Vou ligar ao Leon e dizer-lhe.

## 6

LEON

**K**ay: Ela é ideal.

Pestanejo com lentidão enquanto me encontro no autocarro. Pestanejo lenta e deliciosamente, o que é basicamente como fazer pequenas sestas.

Eu: A sério? Não é chata?

Kay, parecendo irritada: Isso interessa? Vai ser asseada e arrumada e pode mudar-se já. Se estás mesmo determinado a fazer isso, não podes esperar muito melhor.

Eu: Ela não se importou com o homem esquisito que mora no Apartamento 5? Nem com a família de raposas?

Uma pequena pausa.

Kay: Não referiu que qualquer uma dessas coisas fosse um problema.

Pestanejo deliciosamente devagar. Demoro mesmo muito tempo. Tenho de ter cuidado — não suportaria acordar no final da carreira e ter de voltar para trás. Isso é sempre um risco depois de uma semana longa.

Eu: Como é que ela é, afinal?

Kay: É... excêntrica. Maior do que a vida. Estava a usar uns grandes óculos escuros de massa apesar de ainda estarmos no inverno, e tinha flores pintadas nas botas. Mas o que importa é que precisa de gastar pouco dinheiro e ficou contente por encontrar um quarto tão barato!

«Maior do que a vida» é como a Kay diz «obeso». Quem me dera que não dissesse coisas assim.

Kay: Olha, vens a caminho, não vens? Podemos falar sobre isto quando chegares.

O meu plano para quando chegasse era cumprimentar a Kay com o beijo da praxe, despir as roupas do trabalho, beber água, cair na cama da Kay, dormir por toda a eternidade.

Eu: Se calhar logo à noite? Depois de eu ter dormido?

Silêncio. Silêncio profundamente irritado. (Sou perito nos silêncios da Kay.)

Kay: Então vais direto para a cama assim que chegares.

Mordo a língua. Resisto ao impulso de lhe fazer um relato exaustivo da minha semana.

Eu: Posso ficar acordado, se quiseres falar.

Kay: Não, não, precisas de dormir.

Está-se mesmo a ver que vou ficar acordado. É melhor aproveitar estas microssestas até o autocarro chegar a Islington.

Boas-vindas gélidas da Kay. Cometo o erro de mencionar o Richie, o que só diminui ainda mais a temperatura do espaço. A culpa é minha, provavelmente. Simplesmente não dá para falar com ela acerca dele sem ouvir A Discussão, como se ela carregasse no botão de repetir cada vez que diz o nome do Richie. Enquanto ela se atarefa a preparar o pequeno-jantar (combinação de pequeno-almoço e jantar, adequado tanto a habitantes diurnos como noturnos), repito a mim mesmo vezes sem conta que devo lembrar-me de como A Discussão terminou. Que ela pediu desculpa.

Kay: Então, vais perguntar-me pelos fins de semana?

Fito-a, demoro a responder. Por vezes custa-me falar depois de uma noite comprida. O simples ato de abrir a boca para formar ideias é como pegar numa coisa muito pesada, ou como um daqueles sonhos onde precisamos de correr, mas temos as pernas mergulhadas em melaço.

Eu: Perguntar-te o quê?

A Kay detém-se, com a frigideira da omeleta na mão. Fica muito bonita à luz invernal que entra pela janela da cozinha.

Kay: Os fins de semana. Onde é que planeias ficar, já que a Tiffy vai estar no teu apartamento?

Oh. Já percebi.

Eu: Esperava ficar aqui. Já cá passo todos os fins de semana em que não estou a trabalhar, não é?

Kay: Eu sei que estavas a planear ficar cá, sabes. Só queria ouvir-te dizê-lo.

Ela vê a minha expressão intrigada.

Kay: Normalmente só passas cá os fins de semana porque *calha*. Não por o teres planeado. Não por ser o nosso plano de vida.

A palavra «plano» é muito menos agradável quando aparece junto à palavra «vida». De repente, fico muito ocupado a comer a omeleta. A Kay aperta-me o ombro, percorre-me o pescoço com os dedos e puxa-me o cabelo.

Kay: Obrigada.

Sinto-me culpado, embora não a tenha propriamente iludido — *parti mesmo* do princípio de que passaria aqui todos os fins de semana, *contei mesmo* com isso ao planear arrendar o quarto. Só não... pensei nisso dessa maneira. Como um plano de vida.

Duas da manhã. Quando me juntei à equipa noturna da unidade de cuidados paliativos, as noites em que estava de folga pareciam-me inúteis — ficava acordado, a desejar que o sol nascesse. Mas agora esta é a minha hora, calma e silenciosa, o resto de Londres a dormir ou a ficar muito bêbedo. Estou a aceitar todos os turnos noturnos que a coordenadora dos horários me dê — são os mais bem pagos, sem contar com os dos fins de semana, que disse à Kay que não aceitaria. Além disso, é a única forma de este acordo do apartamento funcionar. Nem sequer sei se valerá a pena recalibrar-me para os fins de semana, agora — vou trabalhar cinco em cada sete noites. Mais vale manter-me noturno.

Costumo usar este tempo das 2 horas da manhã para escrever ao Richie. Tem um limite para telefonemas, mas pode receber todas as cartas que eu lhe envie.

Terça-feira passada cumpriram-se três meses desde que foi condenado. É difícil saber como assinalar um aniversário assim — erguendo

um copo? Marcando mais um risco na parede? O Richie até o aceitou bem, ao fim e ao cabo, mas quando foi dentro, o Sal tinha-lhe dito que o tiraria de lá até fevereiro, por isso esta data foi particularmente má.

O Sal. Está a dar o seu melhor, supostamente, mas o Richie é inocente e está preso, portanto não posso deixar de me sentir um pouco ressentido com o advogado dele. O Sal não é *mau*. Usa palavras caras, anda de pasta, nunca duvida de si mesmo — parecem coisas clássicas de advogado, que deveriam tranquilizar-nos, não? Mas os erros vão-se sucedendo. Como vereditos inesperados a dar o meu irmão como culpado.

Contudo, que opções temos? Nenhum outro advogado se interessou o suficiente para defender o Richie a honorários reduzidos. Nenhum outro estava familiarizado com o seu caso, ou já preparado com o crachá de identificação para ir falar com o Richie à prisão... não há *tempo* para arranjar outra pessoa. A cada dia que passa, o Richie afunda-se mais.

Tenho de ser sempre eu a lidar com o Sal, nunca a minha mãe, o que significa telefonemas exaustivos a persegui-lo. Mas a minha mãe grita e acusa. O Sal é sensível, facilmente se recusa mesmo a trabalhar no caso do Richie, e é completamente indispensável.

Isto não está a fazer-me bem nenhum. Duas da manhã não é tempo para ficar a ruminar sobre assuntos jurídicos. É a pior das horas. Se a meia-noite é a hora das bruxas, 2 da manhã é a hora dos ruminantes.

Em busca de uma distração, dou por mim a procurar *Johnny White* no *Google*. O amor há muito perdido do Sr. Prior, com o seu queixo de Hollywood.

Há muitos Johnny Whites. Um é uma figura de proa da música eletrónica canadiana. Outro é um jogador de futebol americano. Nem um nem outro eram nascidos quando se deu a Segunda Guerra Mundial, nem andaram a apaixonar-se por encantadores cavalheiros ingleses.

Ainda assim... a Internet foi feita para situações como esta, não?

Experimento *Johnny White* mortos guerra, e depois odeio-me um pouco. Parece-me uma traição ao Sr. Prior partir do pressuposto de

que o Johnny tenha morrido. Mas vale a pena tentar eliminar essas opções primeiro.

Encontro um website chamado *Encontrar Mortos de Guerra*. A princípio fico ligeiramente horrorizado, mas depois concluo que, na verdade, é incrível — todos são recordados aqui. É como um conjunto de lápides digitais que podem ser pesquisadas. Posso procurar por nome, regimento, guerra, datas de nascimento... Digito *Johnny White* e específico *Segunda Guerra Mundial*, mas não tenho muito mais que possa dar.

Setenta e oito Johnny Whites das Forças Armadas morreram durante a Segunda Guerra Mundial.

Recosto-me. Fito a lista de nomes. John K. White. James Dudley Jonathan White. John White. John George White. Jon R. L. White. Jonathan Reginald White. John...

OK. De repente sinto uma certeza avassaladora de que o encantador Johnny White do Sr. Prior morreu, e desejo que houvesse uma base de dados similar para aqueles que combateram, mas não morreram na guerra. Isso seria agradável. Uma lista de sobreviventes. Sinto-me arrasado, como acontece às 2 da manhã, pelo horror da humanidade e a sua inclinação para terríveis atos de assassinio em massa.

Kay: Leon! O teu *pager* está a tocar! *Na minha orelha!*

Deixo o portátil no sofá depois de mandar imprimir a página e abro a porta do quarto, deparando-me com a Kay deitada numa ponta da cama, com o edredão a tapar-lhe a cabeça e um braço no ar com o meu *pager*.

Agarro no *pager*. Agarro no telemóvel. Não estou de serviço, claro, mas a equipa não me ligaria para o *pager* se não fosse importante.

Socha, médica assistente: Leon, é a Holly.

Estou a calçar os sapatos.

Eu: Muito mau?

Chaves! Chaves! Onde estão as chaves?

Socha: Tem uma infeção... os exames *não* auguram nada bom. Está a chamar por ti. Não sei o que fazer, Leon, e a Dra. Patel não responde



ao *pager*, a administrativa está a esquiar e a June não conseguiu arranjar substituto, por isso não tenho outra pessoa a quem ligar...

Encontro as chaves no fundo no cesto da roupa suja. Sítio inspirado para as deixar. Encaminho-me para a porta, a Socha a falar-me de contagens de glóbulos brancos, os atacadores a agitarem-se...

Kay: Leon! Ainda estás de pijama!

Raios. Bem me parecia que tinha conseguido chegar à porta mais depressa do que é habitual.

## E se tivesse de partilhar a cama com alguém que nunca conheceu?

Tiffany Moore precisa urgentemente de um apartamento barato, depois de o ex-namorado a despejar da casa onde viviam.

Leon Towney é enfermeiro, faz os turnos da noite no hospital, tem um apartamento para arrendar e precisa de dinheiro para ajudar o seu irmão.

Para os dois, surge a solução perfeita: durante o dia, enquanto Tiffany está a trabalhar, Leon descansa do lado direito da cama; durante a noite, e até à manhã seguinte, Tiffany é dona e senhora do apartamento.

Embora nenhum deles se encontre no mesmo espaço ao mesmo tempo, limitando as hipóteses de algo poder correr mal, os seus amigos acham que esta é a receita para o desastre e que devem existir regras.

Para que tudo possa correr bem, decidem comunicar apenas por bilhetinhos destinados a resolver questões domésticas (e da vida) e facilitar a partilha do apartamento. Mas, com ex-namorados dramáticos, colegas de trabalho doidos e, claro está, o facto de ainda não se terem cruzado, estão prestes a descobrir que, para terem uma casa perfeita, vão precisar de atirar as regras pela janela.

«Vai tornar-se a comédia romântica do ano...  
uma *Sintonia de Amor* para o século XXI»

*Sunday Express*

«A nova Jojo Moyes...»

*Cosmopolitan*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-002-7



9 789895 640027

Ficção Romântica